

corpus  
rory clements

Tradução de Susana Clara



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para Naomi*



BERLIM, AGOSTO DE 1936



## CAPÍTULO 1

O homem tinha cabelo grisalho, cerca de cinquenta anos, e transportava uma pasta negra. Trajava calças pretas, um casaco castanho de linho, camisa branca e uma gravata às riscas, mas não usava chapéu. Poderia passar por um trabalhador administrativo se não fossem as meias brancas e as sandálias castanhas abertas. *Meias brancas e sandálias*. A meio de um dia de trabalho, no tumulto da Potsdamer Platz, no centro de Berlim. Ele estava ao lado dela, na beira do passeio, à espera para atravessar.

Nancy Hereward voltou a cabeça e chamou-lhe a atenção. Ela olhou para ele com um ar sério e ele afastou o olhar. Sentiu vontade de rir, mas a sua boca estava seca e ela sentia uma sede terrível. Certamente, se a estivesse a seguir, teria estabelecido contacto visual? Nem se vestiria de forma tão característica. Se estivéssemos a seguir alguém, teríamos de nos confundir com a multidão, e não destacar. Abriu-se uma brecha entre os elétricos, os autocarros, os carros e as carroças, e ele correu para o outro lado da estrada na direção da torre do relógio. Nancy aguardou.

À sua frente, um polícia sinaleiro de luvas brancas dirigia o fluxo de veículos. À sua esquerda, duas jovens de óculos de sol escolhiam postais num quiosque. Usavam sapatos rasos, vestidos de verão de manga curta, de comprimento abaixo do joelho, um era às bolinhas e o outro tinha um estampado floral, e ambos revelavam antebraços saudáveis e bronzeados.

Através da neblina do seu cérebro, o primeiro pensamento de Nancy foi que deviam ser turistas como ela, mas pareciam demasiado confiantes para isso, e os sapatos que usavam não eram apropriados para calcorrear quilómetros numa cidade desconhecida. Ela percebeu a suave inflexão da língua alemã. A sua sofisticação natural deixava perceber que eram burguesas berlinenses, não provincianas.

Nancy percebeu que estava a fazer o mesmo a todas as pessoas que via; a avaliá-las, a decidir quem eram, o que poderiam estar a esconder. Subitamente, toda a gente se assemelhava a agentes à paisana. Tinha vontade de confrontar toda a gente na multidão e perguntar a cada um: «É da polícia secreta? É polícia secreta?» Ela colocou o chapéu de sol sobre os cabelos. As suas mãos estavam suadas e tinha o vestido colado ao corpo. Apertou a sua pequena mala de ombro contra si e começou a caminhar.

Já era final da tarde mas o calor do dia ainda não tinha abrandado. Ela e Lydia tinham apanhado o elétrico na estação Reichssportfeld perto do Estádio Olímpico, na parte oeste da cidade, e tinham passado duas horas a fazer compras e a passear nas largas avenidas em redor da Friedrichstrasse e da Unter den Linden. Entretanto, ela escapulira-se e estava agora sozinha, o mapa das ruas que devia percorrer memorizado.

A cidade estava repleta de turistas, por causa dos Jogos Olímpicos e de toda a diversão em redor dos Jogos. *Ninguém te está a seguir.* Ela proferiu baixinho as palavras. Cerrou os punhos, depois abriu-os, e tornou a cerrá-los. Respirou fundo várias vezes para se acalmar e acelerar o passo, tentando parecer mais profissional, menos estrangeira. Menos interessante.

Meu Deus, ela era uma tonta, uma maldita principiante. É claro que lhe tinham dito o que devia fazer; como despistar possíveis perseguidores ao retroceder, andar em círculos e parar. Como perceber se estava a ser seguida. Mas tinha sido apenas teoria; agora era realidade.

O homem de sandálias desaparecera por entre a multidão ondeante. Talvez fosse um de muitos; talvez estivesse agora a ser seguida por outra pessoa. Nancy tentara vestir-se o mais discretamente possível, com um vestido verde disforme, o cabelo entrançado e preso ao redor da cabeça. No quarto de hotel que partilhavam, Lydia olhara para ela de forma estranha. «Eu sei o que é que estás a pensar», dissera Nancy. «Estás a pensar que eu pareço uma maldita *Waltraud*.» Lydia erguera uma sobranceira. *Waltraud* era a alcunha que elas davam ao tipo de rapariga nazi que pertencia à Liga das Jovens Alemãs, que usava vestidos tradicionais, que não se maquilhava

nem fumava. Poderia haver alguém no mundo menos parecido com o ideal de rapariga nazi que Nancy Hereward? Desataram as duas a rir.

Ela dirigiu-se para sul e depois para oeste. Em todas as esquinas e em todos os edifícios públicos, os estandartes com a cruz suástica flutuavam ao sabor da brisa cálida, pretas dentro de um círculo branco num mar de vermelho. Cada um daqueles estandartes parecia uma ameaça pessoal. Virando à direita para uma rua lateral, ela parou em frente da montra de um talho e ficou a observar as peças de carne e as inúmeras variedades de salsichas mas sem as ver realmente. Nancy retesou-se quando uma idosa chocou contra o seu cotovelo e colocou uma carta no marco vermelho do *Reichspost* preso na parede lateral do talho, afastando-se em seguida a passo de caracol. Ninguém a estava a seguir. Ela prosseguiu, afastando-se cada vez mais das principais artérias da cidade. No final da rua voltou à direita, depois, rapidamente, voltou para a esquerda. A área era agora residencial, uma respeitável mistura de elegantes edifícios residenciais, parques e igrejas, muito diferente da regrada grelha de ruas que rodeavam a Friedrichstrasse.

Sabia que Lydia devia estar a ficar preocupada. Nancy dissera-lhe que demoraria apenas vinte minutos; que deveria esperar por ela no Victória com um café, um bolo e o seu livro. «Preciso de estar um pouco sozinha», dissera. Lydia encolhera os ombros, visivelmente intrigada, mas parecera aceitar a justificação. Aquilo iria demorar muito mais de vinte minutos; Lydia teria de esperar.

Voltou novamente para a rua que procurava. Estreita e pavimentada, com uma taberna em enxaimel que já devia ser antiga quando Otto von Bismarck era jovem. Ela olhou em redor novamente. A rua estava praticamente deserta, tirando a presença de um rapaz de cerca de doze anos. Parou três casas à esquerda da taberna, diante da porta de um edifício de três andares. Número seis, um dos apartamentos no topo da casa. Tocou à campainha duas vezes, esperou três segundos, depois tocou novamente.

Uma trapeira abriu-se a seis metros acima dela e um rosto espreitou.

— *Ja?*

— *Guten tag, Onkel Arnold!*

Ele hesitou não mais de dois segundos e em seguida assentiu.

— *Einen moment, bitte.*

Meio minuto depois, a porta da frente abriu-se.

— Entre — sussurrou ele.



O seu inglês era fortemente acentuado, mas correto. Era um homem de trinta e poucos anos, calvo, e estava assustado. Nancy entrou para a penumbra do corredor. Em ambos os lados havia portas de apartamentos. À sua frente estavam umas escadas.

— Aqui? — sugeriu ela.

— Não, por favor, aqui não. Suba.

Assim que ele fechou a porta do apartamento, ela retirou o chapéu e atirou-o para cima da mesa. Em seguida, abriu a sua mala e retirou um envelope castanho. Estendeu-o na direção dele.

— Está tudo aí.

Ele retirou os papéis e analisou-os, em seguida dirigiu-lhe um sorriso tenso. Seria necessário muito mais do que aquela entrega de papéis falsificados para afastar as preocupações da sua vida.

— Muito obrigado, senhorita. Sinceramente, não sei como lhe agradecer ou retribuir. Arriscou-se bastante por mim.

— Não foi por si, foi pela causa.

— De qualquer forma, estou-lhe agradecido. Posso oferecer-lhe uma chávena de chá? Ou talvez de café? É cevada, infelizmente.

— Não, tenho de ir. — Ela hesitou. Estava a tremer. — Tem casa de banho?

— Sim, é partilhada. Do outro lado do patamar.

Não, ali não. Seria demasiado arriscado. Ela tinha de chegar a um sítio seguro. Tentou controlar os seus tremores.

— Deixe estar. Tenho de me ir embora agora.

— Julgo que se fosse mesmo minha sobrinha, ficaria um pouco mais, não acha? Tendo feito todo este caminho?

— Ninguém me viu chegar.

— O meu senhorio tê-la-á visto chegar e ouviu-a tocar à campainha e a chamar o meu nome. Ele vê tudo.

— Ficarei dez minutos. — Nancy controlou-se. — Tenho sede. Talvez tenha algo um pouco mais forte que chá?

— Aguardente de pêssego. Infelizmente é a única bebida alcoólica que tenho.

Ela fez uma careta.

— É melhor que nada.

Estavam sentados na sala abafada e mal mobilada do homem, o teto inclinado agudamente sob os beirais. A janela aberta apenas deixava entrar ar quente e sujo. Arnold Schmidt era um professor universitário de Física

de Göttingen, mas naquela casa ele era Arnold Schmidt, um bibliotecário desempregado. Ela conseguia sentir o cheiro do suor dele provocado pelo medo. A sua cabeça reluzia e tinha gotas de transpiração na testa e no lábio superior. Ele acendeu um cigarro e Nancy percebeu que os dedos dele estavam trémulos. Como reflexão tardia, ele estendeu o maço na direção dela, mas ela abanou a cabeça.

— Um copo de água — pediu ela.

A aguardente de pêssego adocicada estava em cima da mesa à frente dela, intocada. Talvez ela a conseguisse engolir. Ele dirigiu-se ao lava-loiça e encheu um copo. Nancy bebeu-o rapidamente, em seguida pediu outro.

— Diga-me, senhorita, o que é que pensa da nova Alemanha?

— Está a referir-se aos Nacionais-Socialistas?

— A quem mais? — Soltou uma gargalhada cavernosa. — Mas, por favor, não os mencione.

*Não digas o nome do Diabo com medo que ele pense que estás a chamar por ele.*

— Abomino-os — respondeu ela. — É por isso que estou aqui.

Por fim, ela bebeu a aguardente. Não era tão doce como rezeira. Nem exatamente o que queria ou precisava, é claro, mas isso teria de esperar.

— Rezo para que nunca saiba como é viver assim — disse ele.

Arnold começou a falar da sua vida de fugitivo, tanto como judeu como comunista, desprezado pela universidade onde fora aluno e professor.

— O *Deutsche Physik* torna-o impossível. Eles tiram-nos os empregos como castigo pela nossa raça. Nos anos vinte eu trabalhei com grandes nomes — Einstein, Bohr. Considerava-os meus amigos, sabia? O Leo Szilard, também. Era um homem tão engraçado. E muitos outros — centenas de nós afastados por homens sem cérebro. Lise Meitner ainda cá está, ainda está a trabalhar porque é austríaca. Eu só quero estar com os meus amigos e colegas novamente, continuar os meus estudos e lecionar. O Leo disse que me arranja trabalho e alojamento se eu conseguir chegar a Inglaterra. — Ele abanou a cabeça. — Mas foi emitido um mandado de prisão em meu nome. Todos os portos e estações de comboios foram alertados para me impedirem de sair. Qual é que foi o meu crime? Insultar o Himmler, esse sacana. Não vou embaraçá-la ao contar-lhe o que eu disse, pois confesso que foi obsceno.

Ela já sabia o que ele dissera. Algo sobre Himmler ter sido promovido a *Reichsführer* por ter chupado a pila a Hitler. Um dos alunos de Arnold denunciara-o. Nancy levantou-se.

— Tenho de ir — disse ela.

— Sim, claro. Demorei-a muito, mas é mais seguro, compreende.

— Espero que os papéis sejam o que queria.

Ele assentiu.

— Mais uma vez, muito obrigado. Muito obrigado.

Ela pegou no chapéu e dirigiu-se à porta, abrindo-a em seguida e olhando para as escadas desertas. Estava prestes a sair quando se voltou. Ele estava ali, agarrado ao envelope que lhe trouxera. Tinha um ar patético.

— Boa sorte — disse ela. *Vai precisar.*

Ela optou por um caminho mais direto para voltar, através do Tiergarten na direção da Porta de Brandenburgo. Consultou o relógio de pulso e percebeu que já passara mais de uma hora. Por baixo do vestido desenhado, o seu corpo estava tão escorregadio como uma enguia molhada.

— Estava prestes a mandar uma equipa de busca à tua procura — disse Lydia quando Nancy, transpirada e afogueada, por fim contornou a esquina e se deixou cair na cadeira em frente dela no café Victória. — Estás encharcada! Parece que estiveste a correr.

Nancy, que agora estava frenética, revirou a mala em cima da mesa. No meio da tralha, os seus dedos ansiosos fecharam-se em torno de uma seringa prateada. Lydia ficou boquiaberta.

— *Aqui não, Nancy!* Pelo amor de Deus, não aqui em frente desta gente toda!

Nancy ignorou-a e com uma mão trémula introduziu a ponta da agulha num pequeno frasco e encheu a seringa. Lydia olhou em redor ansiosamente; Nancy estendeu o braço esquerdo em cima da toalha de mesa branca. Uma veia fina evidenciou-se na carne branca da parte interior do seu cotovelo. A agulha entrou, uma mancha de sangue saiu. Ela empurrou o êmbolo da seringa e soltou um gemido baixo.

Nenhuma das mulheres reparou no rapaz que as observava através da janela do café.

INGLATERRA,  
SEGUNDA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1936



## CAPÍTULO 2

**E**le dirigiu o pequeno *MG* de dois lugares para uma grande vila a sul de Cambridgeshire. Tinha fome e sede e a estalagem local parecia convidativa, o tipo de local que antigamente teria visitado numa tarde de verão. A Inglaterra rural. Comida saudável e cerveja estranha. A sua avaliação estava correta. A *Old Byre* era uma estalagem tradicional com quartos, boa comida, uma lareira e uma seleção de meia dúzia de cervejas. Pediu uma tarte de carne e rim, acompanhada de batatas e ervilhas, e uma caneca de cerveja. Engoliu a comida avidamente mas quase não bebeu.

— Há algum problema com a cerveja, senhor?

— Está tudo bem.

— O barril é novo. Posso trazer-lhe outra coisa?

A empregada era uma mulher de trinta e muitos anos de cabelo encacolado, com uma figura que ainda não sucumbira à gravidade, e um olhar atrevido. Emanava dela um calor que era acentuado pelo brilho do lume da lareira ampla. Ela estava a namoriscar com ele.

— Tenho de me manter acordado. Ainda tenho uma longa viagem pela frente. Talvez um café?

— Não temos café, senhor.

— Nem sequer nos aposentos do proprietário?

— Posso perguntar-lhe.

— É muito gentil da sua parte. — Ele exibiu o seu melhor sorriso hollywoodesco. — Simples, sem açúcar, por favor.

Pouco minutos depois, ela reapareceu com uma chávena de café. Quando ele pegou na chávena, ela disse:

— Peço desculpa, senhor, mas posso perguntar-lhe se ainda vai fazer uma viagem longa esta noite?

Teria ela enrubescido enquanto falava? Não, era demasiado descarada para isso. Fora simplesmente o calor da lareira que lhe dera um colorido às bochechas.

— Ainda estou um pouco longe — respondeu ele. — Muito obrigado pelo café. Tenho a certeza que me fará muito bem.

— Tem mesmo de seguir viagem, senhor? Dizem que vai estar nevoeiro. Já é muito tarde e nós temos alguns quartos confortáveis disponíveis. Sabe, nesta altura do ano não há muitos viajantes. Tenho a certeza que se eu falar com o proprietário, ele far-lhe-á um preço simpático.

Ela tocara-lhe na mão, deliberadamente, quando lhe entregara a chávena. A sua primeira suspeita estava correta. Se ele ficasse, ela subiria até ao seu quarto. Uma representante daquela geração destroçada pela guerra, que talvez satisfizesse os seus prazeres como podia com os vendedores que ali ficavam alojados. Numa outra noite talvez tivesse acedido, mas ele não podia ficar, e de qualquer forma não queria deixar um rasto demasiado evidente. Quando as persianas se fecharam, pagou a conta, despediu-se dela e seguiu viagem.

Ele carregou no acelerador. O carro era baixo, tinha potência e agarra-se bem à estrada. Contudo, a viagem não era rápida, não no final de novembro. Aquelas estradas rurais eram estreitas, mal iluminadas e quase sem sinalização. Demasiados sulcos e buracos, alguns deles profundos. Estradas de outro século. A Inglaterra ainda não acordara do torpor enfatado da sua era vitoriana. Meia hora mais tarde, num trecho deserto, a cerca de um quilómetro e meio de outra típica vila inglesa — bar, igreja, jardim, memorial de guerra e um lago com patos — ele virou à esquerda para um pequeno trilho agrícola, onde apagou os faróis e desligou o carro. Um estranho nunca encontraria este local, nem com um mapa da Ordnance Survey, mas ele conhecia-o bem. Acendeu o seu último *Parisiennes* de fabrico suíço, em seguida saiu do carro e esticou as pernas. O ar noturno estava fresco, mas não frio, e tresandava a raposa. Uma neblina baixa colava-se ao chão por entre as sebes. A quatrocentos metros de distância, do outro lado de um campo, ele conseguia ver, através de uma janela sem cortinas, uma

única luz acesa no andar superior de uma mansão remota. Enquanto ele observava, a luz apagou-se e a casa mergulhou na escuridão.

Voltou para o carro, tapou-se com o sobretudo e preparou-se para esperar enquanto olhava para o negrume. A única luz era a ponta vermelha brilhante do seu cigarro. A partir daquele momento ele fumaria *Player's Navy Cut*. Além do suspiro suave e lento da sua respiração quando tragava o fumo, o único som era o piar distante de uma coruja. Pouco depois, abriu a porta do carro, cravou a beata do cigarro no chão e cobriu-a com um punhado de terra. Voltou a endireitar-se no lugar do condutor, fechou os olhos e adormeceu.

Quando acordou, não sabia ao certo quanto tempo estivera adormecido. Inclinou-se para a esquerda, arrastou uma pequena mala de pele para cima do banco do passageiro e abriu-a. Tocou numa lanterna elétrica que estava pousada em cima de um par de camisas, em seguida retirou um frasco de água, bebeu sofregamente e arquejou antes de deitar um pouco na mão em concha e lavar a cara. Consultou o seu relógio. Era meia-noite e meia hora.

Afastando as camisas, encontrou as suas ferramentas: uma pistola, dois cordeletes de alpinismo, um pincel largo, uma faca de caça longa e curva cuja lâmina estava tão afiada que ele poderia ter-se barbeado com ela. Voltou a sair do carro, sem o sobretudo, prendeu a faca e a pistola no seu cinto, e enrolou as cordas em torno do peito ao estilo dos saltadores. Acendeu a lanterna. Estava pronto.

Entrar na casa foi fácil. Antevira que tivesse de partir uma janela, mas uma porta lateral estava destrancada e dessa forma conseguira entrar silenciosamente. Descalçou os sapatos e deixou-os junto da porta das traseiras, em seguida penetrou mais profundamente na casa. Na despensa, encontrou um balde de metal galvanizado e uma esfregona. Retirou a esfregona e levou consigo o balde.

Atravessou a sala de estar. Anos atrás, passara ali serões agradáveis durante as férias da universidade, bebendo bom vinho e conhaque com Cecil e Penny Langley e os amigos destes, bastante sisudos, além, é claro, da sua linda filha, Margot, que estava apaixonada por ele. Recordou-se do piano vertical encostado à parede mais perto da janela que dava para o jardim. Penny adorava tocar Chopin para entreter os seus convidados, alegremente inconsciente do quão mal tocava e de como o instrumento estava



desafinado. Agora fora substituído por um *Bechstein grand*, que ocupava um lugar de destaque no meio da sala. Um piano tão magnífico era um desperdício ali.

Lentamente, atentou o seu olhar ao espaço familiar, ao longo dos móveis e das paredes, e de todos os recantos da sala cortinada. Um canto de uma parede estava reservado para fotografias de desportos de uma outra época; fotografias de um jovem em equipamento de alpinismo com os picos das montanhas a surgirem por trás dele, fotografias de um jovem com um taco e bolas de críquete. Algumas das fotografias estavam cobertas por boinas desbotadas, ganhas por Cecil, que tinha jogado na equipa do condado e da universidade durante a sua juventude. O feixe da lanterna pousou numa mesa de apoio, onde estavam colocadas fotografias em molduras de prata. À frente, em lugar de destaque, estava o Führer, a sua assinatura garatujada a tinta preta num arco descendente ao longo da parte inferior da fotografia. Atrás dele havia outros rostos bem conhecidos: Mosley, Ribbentrop, o Marquês de Londonderry. A fotografia do rei estava exatamente por detrás da de Hitler. O homem sorriu ligeiramente. Dessa forma, o cabo alemão ganhara precedência sobre o monarca inglês. O mundo estava virado do avesso.

Noutra mesa estavam fotografias da família. Tias, tios, mães, pais, primos afastados, mas, acima de tudo, Margot, a filha adorada: Margot com os amigos na praia em Devon, Margot bronzeada e radiante a segurar uma raquete de ténis no jardim, Margot a montar numa sela lateral com um chapéu alto e casaco de caça no encontro da Páscoa, Margot nos Alpes com o pai, Margot vestida de noiva a ser beijada pelo noivo diante do pórtico da pequena igreja rural. E depois havia outra fotografia, de Cambridge. Quatro deles, diante da entrada em arco da universidade, na Trumpington Street: um jovem de traje universitário, entre Margot e Nancy Hereward, com Lydia Morris ao lado. Estavam todos abraçados, quatro amigos e amantes. Os seus olhos pousaram em Margot por um momento. Alguém dissera uma vez que ela era como uma potra de Newmarket. Nervosa. O mais provável era partir uma perna. Pobre Margot. Voltando-se, ele começou a trabalhar. Pousou a lanterna numa mesa de apoio e retirou todo o equipamento que trouxera: as cordas que levava ao ombro e as armas do seu cinto. Pousou-os no chão; em seguida despiu-se, deixando as roupas numa pilha esmerada em cima de uma poltrona. Com o calor residual da lareira a carvão, a sala encontrava-se suficientemente quente, mesmo para alguém que estava nu. Pendurou as cordas no seu ombro desnudo e pegou

nas armas, a pistola na mão esquerda, a faca e a lanterna na mão direita. Voltaria para vir buscar o balde e o pincel.

O edifício era uma grande mansão do século dezassete. Fora totalmente remodelado e atapetado. E mesmo assim as tábuas do chão rangiam à medida que ele, descalço e nu, subia as escadas para o primeiro andar. Parou no patamar. Havia cinco portas. Perguntou-se se teriam uma criada. Eles tinham tido sempre alguém da vila ao seu serviço, mas talvez isso tivesse mudado. Lidaria com esse assunto mais tarde, caso fosse necessário. Por detrás da porta ao fundo da casa, ouviu uma respiração — um ressonar leve e confortável. Lentamente, girou a maçaneta e empurrou a porta devagarinho.

Era um quarto perfeito, bem proporcionado e arejado, com um teto alto dominado por uma longa viga de suporte.

Os seus passos eram suaves. Parado aos pés da cama, apontou a luz da lanterna para os dois ocupantes adormecidos. Cecil estava à esquerda, Penny à direita. Cecil encontrava-se deitado de lado, com a cabeça por baixo de uma almofada, grunhindo enquanto dormia; Penny estava deitada de costas, com a cabeça apoiada nas almofadas e os lábios entreabertos.

Ele pousou a lanterna em cima de uma cómoda e aproximou-se dela. Ao olhar para o seu rosto plácido, onde espreitavam uns dentes amarelos, recordou-se de como ela ficara encantada quando Margot o levara lá a casa. Quisera saber tudo sobre ele e sobre a sua família. O seu marido parecia menos encantado. Cauteloso, distante, pouco acolhedor. O que correrá mal? O piquenique junto ao rio, é claro. Ele sorriu. O longo verão acabara e eles tinham seguido caminhos diferentes, Margot para casar com o seu jovem e decente agricultor, ou o que quer que ele fosse. Não tinha a certeza se fora a sua respiração ou algum sexto sentido que acordara Penny Langley, mas os olhos dela abriram-se e cruzaram-se com os dele. Ele viu o horror, viu-a tentar recuar. O seu rosto estava a pouco mais de trinta centímetros do rosto dela. Quase instantaneamente, o horror transformou-se em reconhecimento e alívio.

— Meu querido — sussurrou ela. — O que é que está a fazer aqui?

— Sshh.

— É tão tarde. Devia ter telefo...

Ela não disse mais nada. A lâmina dele cortou-lhe profundamente a garganta, libertando um jorro de sangue. As suas mãos moribundas surgiram de debaixo da roupa de cama, agitando-se no ar freneticamente sem compreender.

Do outro lado da cama, Cecil Langley, ainda a dormir, tocou com o cotovelo na mulher e puxou mais as cobertas na sua direção, aconchegando-se melhor. O assassino inclinou-se por cima do corpo da mulher moribunda, os seus braços e peito escorregadios do sangue dela, e encostou o cano da sua pistola à têmpora do homem adormecido.

— Acorde, Sr. Langley.

Mais tarde, dirigiu-se à casa de banho e ficou agradado ao encontrar um novo e eficiente sistema de água quente. Durante um longo minuto, olhou para o seu reflexo no espelho. Estava coberto de sangue — rosto, braços, pernas, tronco. Armínio, o guerreiro, enterrado até aos joelhos em sangue romano na Batalha de Teutoburgo. Os seus olhos eram de um azul gélido, faróis atávicos. O seu cabelo era tão claro como as areias da Frísia.

Pôs a água a correr e mergulhou nela, enxaguando o cabelo debaixo da torneira para lavar o sangue e esfregando cada centímetro do seu corpo, depois saiu da banheira e secou-se numa grande toalha branca. Após escorrer a água da banheira, vagueou pelos quartos do andar de cima, à escuta, perscrutando. Satisfeito, voltou para a sala de estar onde se vestiu rapidamente. Por fim, usou a coronha da sua pistola para partir o vidro das molduras das fotografias de Hitler, Mosley, Ribbentrop, Londonderry, o novo rei. Retirou as fotografias e rasgou-as em pedaços, espalhando-os numa tempestade de neve pela sala. Pegou em todas as molduras com as fotografias de Cecil Langley e desfez o vidro em pequenos estilhaços.

A primeira parte do seu trabalho estava feita. Perto da porta lateral, estava a desapertar o atacador de um dos seus sapatos mas tornou a colocá-lo no chão e voltou à sala de estar. Da mesa das fotografias, pegou na do jovem e das três raparigas junto ao portão da universidade, tirou-a da sua moldura de prata e colocou-a no bolso.

TERÇA-FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 1936



## CAPÍTULO 3

**E**ram onze da manhã, mas Nancy Hereward ainda se encontrava meio adormecida. O telefone estava a tocar. Porque é que alguém lhe estaria a ligar? Ela não estava à espera de nenhuma chamada. Desejava nunca o ter instalado.

Rastejou para fora da cama e desceu as escadas. Tinha a garganta seca. Ainda nem sequer tomara uma chávena de chá. Os seus olhos pousaram na seringa prateada mas ela afastou-se. O telefone encontrava-se numa mesa baixa perto da porta da frente. Pegou no auscultador.

— Bom-dia. Daqui fala Nancy Hereward.

— Nancy, é a Margot.

*Margot?* Uma voz de há muitos anos. Uma voz urgente. A última pessoa que esperava que ligasse.

— Margot, onde é que estás?

— Podes dar um recado meu à mamã? Por favor. Eu já tentei ligar-lhe, mas...

A linha ficou silenciosa.

Nancy encostou o auscultador firmemente ao ouvido.

— Estou, Margot? Não te consigo ouvir, Margot. És mesmo tu?

Por que carga de água é que a Margot lhe ligaria? Como é que conseguiu o número? E porque é que desligara? Nancy pousou o auscultador. Devia ligar à Lydia. Ela saberia o que fazer. Ainda não; ainda não estava

preparada para enfrentar o dia. Sentia-se trémula. Qualquer um se sentiria. Os seus olhos pousaram mais uma vez na agulha brilhante.

O funcionário espreitou para dentro da sala de Thomas Wilde.

— Boa-noite, professor.

— Boa-noite, Bobby.

— Estão aqui dois jovens para o verem. Disseram que o professor aceitou dar-lhes explicações antes do Halloween.

— Ah... Maxwell e Felsted. Deixe-os entrar. Oh, e Bobby, traga-nos um pouco de chá, por favor. Talvez consiga arranjar alguns biscoitos. E para mim já sabe o que é.

Bobby sorriu.

— Julgo que devo ter uma garrafa de uísque escondida no meu quarto, senhor.

— Nunca me desilude.

— Cuidar do seu bem-estar é um prazer, como sempre.

O professor Thomas Wilde era alto e magro, com maçãs do rosto altas e o cabelo um pouco comprido de mais para alguns dos mais emproados professores da mais antiga e venerável universidade de Cambridge. Ele passara a maior parte da sua vida em Inglaterra, mas era americano, de nascimento e nacionalidade, e mesmo no inverno a sua pele tinha um tom estival. Apresentava um rosto fresco, invulgarmente saudável entre a palidez mórbida dos seus colegas académicos. O seu sotaque era um híbrido que parecia ter dado à costa oriundo do vasto Atlântico; não era bem americano, nem inglês.

Ele voltou-se para a sua velha secretária de carvalho, notavelmente arumada, excetuando uma máquina de escrever e uma pilha de papel almaço de cinco centímetros de altura, as primeiras trezentas páginas da biografia de *Sir Robert Cecil*, estadista isabelino e jacobino, sucessor de *Sir Francis Walsingham* como espião-mestre da rainha. Empurrou o manuscrito para o fundo da secretária.

Embora pudessem considerar os seus alojamentos na universidade um pouco espartanos, Wilde gostava de trabalhar ali. Mal reparava nas paredes manchadas de amarelo por causa do fumo do tabaco do seu antecessor, ou na pintura que tinha rachas e já começava a descascar. Além da secretária, tinha um sofá de couro onde ele lia e dormitava, duas poltronas e uma janela com uma vista agradável sobre os relvados desgastados, as

altas chaminés, os dormitórios, os mainéis e as geladas paredes cinzentas do velho pátio. Eram alojamentos académicos arejados, usados apenas para trabalhar e não para viver. Havia também um quarto mais pequeno, frio, parecido com uma cela, com uma cama pequena onde ele costumava dormir quando simplesmente não se dava ao trabalho de se arrastar até à sua modesta casa do fim do período georgiano num dos bairros mais antigos de Cambridge perto de Jesus Lane.

O outro único sinal de domesticidade nos seus aposentos era uma pintura a óleo de Winslow Homer, que lhe deixara o seu pai. Ocasionalmente, Wilde parava a contemplá-la, a contemplar o rapaz descalço com o chapéu de palha, parado num prado, a olhar para longe. O quadro parecia impregnado de anseio, de uma saudade de algo perdido e que ainda não fora encontrado. Wilde imaginava o seu pai como sendo aquele forte rapaz americano.

O calor dos aposentos, tal como estava, provinha de uma lareira a carvão, que fora alimentada e restabelecida pelo sempre alegre Bobby, cujos aposentos ficavam do outro lado das escadas, a pouco mais de um metro da porta de Wilde. O quarto do funcionário tinha todos os acessórios necessários para manter aqueles professores e alunos, sob a responsabilidade de Bobby, aquecidos e hidratados. Carregamentos intermináveis de pão para torrar, chá, leite, açúcar, manteiga, compota, carvão para a grelha, uísque, cerveja engarrafada, *brandy*, cigarros, tabaco e fósforos. Bobby era um homem atarracado, cujo eterno sorriso era manchado apenas pela falta de vários dentes da frente. Em tempos fora aprendiz de um treinador de Newmarket e tivera esperanças de se tornar um jóquei profissional, mas uma má queda deixara-o coxo, com o maxilar fraturado, e acabara com os seus sonhos.

Wilde não considerava os seus aposentos acolhedores; passara demasiado tempo a desfrutar do conforto da América do Norte para isso. Mas presumia que os seus alunos os considerassem bastante hospitaleiros, pois não evitavam as suas explicações. Com o fumo do carvão, o calor desigual, a fuligem e a sujidade das paredes, poderia ser a sala de espera de uma estação de comboios, excetuando a pintura de Homer. Bom, ele não ficaria ali esta noite. Tudo o que tinha para fazer era aquela explicação e em seguida assistir a uma exasperante reunião no Salão Comum. Depois ia para casa.

Maxwell e Felsted apareceram à entrada da porta.

— Entrem, entrem.

— Muito obrigado, senhor — disseram em uníssono.

— Hoje está nevoeiro, senhor — disse Maxwell.



— Bom, o Bobby vai trazer-nos um bule de chá quente para vos tirar o frio dos ossos.

Fez sinal para que os jovens se sentassem no sofá e colocou a sua cadeira num ângulo de noventa graus da mesa para que pudesse ficar de frente para eles. Ao pé do seu cotovelo estava uma caneta de tinta permanente, um frasco de tinta e um mata-borrão.

— Ouvia o que aconteceu ao Crystal Palace, senhor? — perguntou Maxwell. — Ardeu ontem à noite.

— Sim, ouvi essa notícia. Uma enorme tragédia.

— Foram os comunistas — afirmou Felsted. — Afinal de contas, eles pegaram fogo ao Reichstag...

— Oh, que disparate! — retorquiu Maxwell. — Os culpados são os Camisas Pretas, senhores. Mosley e o seu gangue imundo.

Wilde levantou a mão mas não a voz.

— Chega.

Ele gostava daqueles jovens. Não eram os melhores estudantes de História que já tivera, mas estavam muito longe de serem os piores. Eram muito inexperientes, o reflexo da aprendizagem ainda não desaparecera. Wilde queria que os seus estudantes tivessem uma visão abrangente da História, mas a visão a preto e branco de Roger Maxwell e Eugene Felsted da política do século xx estava a intrometer-se no seu entendimento do século xvi. Precisavam de aprender a falar em termos comedidos e, mais importante, a pensar.

— A BBC sugere que começou de forma acidental — disse Wilde calmamente. — Tenho de admitir que não faço ideia nenhuma. Mas também quero recordar-vos de que vocês também não fazem ideia nenhuma.

— Mas, senhor...

— Não, não falem. Ainda não. Por um momento, limitem-se a ouvir. Pode ser que aprendam alguma coisa.

Maxwell e Felsted tinham a pele brilhante, as mãos macias e os rostos bem nutridos dos privilegiados. Os seus cabelos estavam penteados para trás com *Brilliantine* e estavam vestidos de forma quase idêntica; camisas de flanela, gravatas antigas, pulôveres e sacolas de Fair Isle, encimados pelos seus trajes académicos.

— Têm de aprender a não fazer julgamentos apressados. Nenhum de nós aqui nesta sala tem provas referentes ao fogo do Crystal Palace, então como é que vocês podem chegar a um veredito? Tudo o que têm são os vossos preconceitos, que são inúteis. Passa-se o mesmo com a História.

Bobby bateu à porta e entrou com um tabuleiro onde estava um bule de chá, três chávenas e um prato de biscoitos. Pousou-o perto da lareira.

— Volto já com o uísque, senhor.

— Não se preocupe. Eu vou buscá-lo antes de me ir embora.

— Muito obrigado, senhor.

Depois de ele sair, Wilde voltou-se para Felsted.

— Creio que é a tua vez de seres a matriz. Ora, nós estávamos a falar sobre provas e preconceitos. Como é que seria se um júri, ao invés de ouvir as provas, condenasse alguém por homicídio ou roubo, ou mesmo por fogo posto, simplesmente porque não gostava da sua opção política?

— Mas um comunista holandês foi condenado pelo fogo no Reichstag, por isso existe um precedente, não existe?

— Existe? Só porque um homem de barba branca é conhecido como ladrão de diamantes, então todos os roubos de diamantes são cometidos por homens de barba branca? Espero que reconheçam que isso é absurdo, porque, caso contrário, julgo que podem estar a perder o vosso tempo em Cambridge. Receio que a História esteja atormentada por preconceitos. Vejam o exemplo da rainha Maria da Escócia. Ela era uma pessoa cheia de virtude assassinada pelo Estado protestante e pela sua malvada prima Isabel? Ou era uma bruxa assassina e artilosa, culpada de todos os pecados conhecidos pelos homens e pelas mulheres? Maxwell, o que é que achas?

— Acho que ela era uma bruxa assassina e artilosa, senhor.

— Felsted?

— Concorde.

— E em que Igreja é que os dois cavalheiros foram educados?

— A Igreja de Inglaterra — responderam os dois estudantes em unísono.

— Isso não me surpreende minimamente. Mas deixem que lhes diga isto, há rapazes e raparigas da vossa idade educados de acordo com os princípios da Igreja Católica Romana que diriam exatamente o oposto. Então qual das versões é verdadeira? Para o descobrir temos de olhar para as provas.

— Mas as provas foram apresentadas em tribunal... e ela foi considerada culpada.

— Então porque é que os católicos não acreditam? Eu digo-vos porque, porque eles acreditam que o julgamento teve motivações políticas. Eles acreditam que ela foi incriminada. Talvez tenham razão. Isso cabe aos historiadores descobrirem.

— Então como é que conseguimos saber o que é verdade, senhor? — perguntou Felsted enquanto se servia de chá.

— Pensando — respondeu Wilde. — E ao questionarem os livros que leem. Ao ficarem cobertos de pó nos arquivos. Ao escutarem as provas dos arqueólogos e paleontólogos. Ao usarem os vossos olhos, os vossos ouvidos e os vossos cérebros. E, acima de tudo, ao questionarem tudo o que vos digo até o provarem por vocês mesmos.

Os dois jovens trocaram olhares, desconcertados. Os professores não gostavam de ser questionados. Não era assim que o mundo funcionava. Eles jamais tinham ousado questionar os professores na escola.

— Discutam comigo! — insistiu Wilde. — Obriguem-me a provar as minhas afirmações, exijam provas, aproximem-se o mais perto possível da verdade. Analisem novamente tudo aquilo que já vos disseram e decidam com base em todas as provas que conseguirem encontrar. E se não encontrarem provas suficientes, então mantenham a mente aberta. Tornem-se detetives porque, se não o fizerem, nunca se tornarão historiadores.

Wilde esperava que a conversa tivesse surtido efeito. Usava-a com todos os estudantes e normalmente resultava, embora abalasse as fundações de tudo o que tinham aprendido até àquela altura. Olhou para os dois jovens indecisos sentados no sofá e teve pena deles. Eles precisavam de ser reconfortados. Bebericou o seu chá e em seguida abriu uma gaveta da secretária e tirou um objeto embrulhado num pedaço de pano. De dentro do pano retirou um pedaço de madeira enegrecida, com cerca de quinze por sete centímetros. Sem dizer uma palavra, estendeu-o na direção de Maxwell. O jovem franziu o sobrolho, virando-o de um lado para o outro com uma expressão intrigada no rosto.

— Passa-o ao Felsted.

Felsted parecia igualmente confuso.

— Bom, o que é que acham que é?

— Um pedaço de madeira que deu à costa? — sugeriu Felsted.

— Nada mal. Maxwell?

— A mim parece-me um pedaço de um dormente para via-férrea.

— Não. Vou dizer-vos o que é. — Pegou na madeira que estava nas mãos de Felsted. — Este velho pedaço de madeira é talvez o presente mais atencioso que já recebi. Foi-me oferecido há dois anos por um dos primeiros alunos que tive aqui em Cambridge. É um pedaço do *Golden Hind*, o navio no qual *Sir Francis Drake* deu a volta ao mundo, e o pano em que está embrulhado é um pedaço de uma vela do mesmo navio.

— Como é que sabe, senhor?

— Porque pertencia à sua família há trezentos e cinquenta anos. Quando o *Golden Hind* regressou a casa, foi trazido para a doca em Deptford e tornou-se uma enorme atração turística. Infelizmente, toda a gente queria levar para casa uma recordação e foram cortando pedaços do casco, das velas e do cordame até o barco se desfazer. Este é um desses pedaços. Os restantes estão provavelmente perdidos ou esquecidos em sótãos e caves. Cavalheiros, acabaram de ter nas vossas mãos um pedaço da História. Esse pedaço de madeira fazia parte do segundo navio a circum-navegar o globo.

— Não deveria estar no Museu Britânico, professor?

Wilde embrulhou a madeira no pedaço de vela e voltou a colocá-la na gaveta.

— Não sei, Maxwell, mas talvez tenhas razão. Contudo, neste momento sinto que cumpre melhor o seu propósito aqui nesta sala. Encaro-a como uma máquina do tempo, que consegue transportar estudantes como vocês até ao século XVI. De qualquer forma, é onde vocês estão agora, por isso vamos começar a falar sobre esse outro *Sir Francis*, o Walsingham.

A hora passou rapidamente. Maxwell e Felsted estiveram mais atentos do que tinham estado nas últimas semanas e desistiram do seu passatempo habitual, provocarem-se mutuamente por causa da política. No fim da explicação, Wilde deu-lhes um trabalho para as férias de Natal.

— Tal como Hitler e Estaline, Walsingham usava a tortura como uma ferramenta do Estado. Não vos vou perguntar de que lado ele estaria hoje em dia, porque julgo saber quais seriam as vossas respostas. Mas *vou* perguntar-vos se o uso que ele fez da tortura ajudou a sua causa ou se a prejudicou. Lembrem-se do que ele disse ao Lorde Burghley: *Sem o uso da tortura, sei que não venceremos*. Bom, nós sabemos, graças ao benefício da retrospectiva, que ele venceu, mas foi devido ao uso da tortura ou apesar dela? Eu quero as vossas respostas, devidamente fundamentadas, no início do período da Quaresma. E esmerem-se.

Os dois jovens levantaram-se e lutaram para vestirem os casacos. Quando começavam a sair, Felsted voltou a espreitar para dentro da sala.

— Esse pedaço de madeira, senhor — disse ele. — Suponho que só tenhamos a sua palavra sobre a sua proveniência, não é?

Wilde não conseguiu reprimir um sorriso e uma leve gargalhada. Por fim, começavam a pensar. Reuniu os seus papéis e desligou o candeeiro da secretária. Na verdade, não tinha qualquer prova de que a madeira era

proveniente do *Golden Hind*, nem se importava; ele gostava da história. Não fora a primeira vez que tivera um efeito sobre os estudantes que tinham as mentes noutro lado.

— Ainda há esperança para ti, Felsted — disse ele.

Quando estava a sair, Wilde foi à procura de Bobby.

— Aquele uísque? Pode deixar a garrafa na minha secretária, se faz favor.

— Sim, senhor. Ah... e, professor, não se esqueça da dica que lhe dei.

— *Winter Blood*?

— Dez para um, se chegar cedo.

Wilde riu-se.

— Sabe que eu não sou jogador, Bobby.

— É dinheiro fácil, Sr. Wilde, acredite em mim.

— Muito bem. Aposte cinco xelins por mim. — Pôs a mão no bolso e entregou-lhe dois florins e um xelim.

— Vou apostar meia coroa para ganhar e outra meia para perder. Assim terá sempre lucro mesmo que fique em segundo ou terceiro lugar.

— Julguei que tinha dito que a vitória era certa.

— Os cavalos são apenas humanos, professor. As coisas podem sempre correr mal.

Lá fora, no velho pátio, acumulara-se o fumo da cidade, rodopiando numa névoa que abafava a luz e o som. O pavimento estava molhado. Um grupo de estudantes apressados passou por ele. Sob a luz cinzenta e nebulosa, os seus trajas académicos pretos faziam-nos parecer morcegos. Uma pequena luz elétrica saía das janelas da universidade e iluminava o caminho para o pátio novo. Com o seu trabalho em pedra dourada, os seus arcos e pináculos, com pouco mais de cem anos, fora projetado para impressionar. Wilde preferia os contornos mais modestos e a história arraigada do velho pátio; o coração palpitante da universidade.

O xerez, um oloroso perfumado, já estava no decantador. Uma dúzia ou mais de copos, bem polidos, encontravam-se dispostos numa das extremidades da longa mesa de carvalho que dominava o Salão Comum. Era ali que os professores se reuniam para socializar ou para discutirem assuntos importantes da universidade.

Era uma sala imponente, com o teto alto onde os brasões da universidade estavam estampados em baixo-relevo. As paredes estavam revestidas com os belos painéis que tinham sido colocados na época da *Bloody Mary*. Dizia-se que um dos painéis escondia um túnel que conduzia ao cais de desembarque do rio, perto de King's Mill, para uma rápida fuga. Ninguém tinha a certeza se fora uma escapatória para os professores protestantes durante a época da rainha Maria ou se o fora para os professores católicos durante o longo reinado da rainha Isabel.

Horace Dill sorria enquanto atravessava a sala, o seu charuto parecendo um barco a vapor a expelir fumo.

— Ora, ora, se não é o brilhante e diabolicamente atraente Tom Wilde! A que é que devemos este prazer?

— Ora, Horace, eu queria aspirar a sua inteligência e sufocar até à morte com o fumo do seu charuto.

— Vamos, Tom. Normalmente, nem seis cavalos seriam capazes de o arrastar até aqui para beber um xerez connosco, meros mortais.

— Bom, se insiste. Sawyer pediu-me que me encontrasse com ele aqui. E posso garantir-lhe que não me agrada nada.

— Que raio é que ele quer?

— Não faço ideia.

— Xerez?

— Não, muito obrigado, Horace.

Dill deu um gole no seu copo.

— Sawyer é um ser desprezível, e pode dizer-lhe que fui eu que disse.

— Desconfio que ele já sabe qual é a sua opinião. De qualquer forma, ele acabou de entrar. Raspe-se, Horace. Vá aborrecer outra pessoa.

Dill riu-se.

— Vá bugiar, Tom.

— Igualmente, Horace.

— Sabe porque é que eu gosto de si, Wilde? Porque mais ninguém gosta. E com esse pensamento, vou deixá-lo entregue às misericórdias do nazi.

Quando Dill se afastou, Sawyer apareceu em frente de Wilde.

— Ah, professor Wilde, uma rara aparição. Ainda bem que veio. Toma um copo? Posso servi-lo?

— Não, muito obrigado, Dr. Sawyer.

— Não? Bom, de qualquer forma, saúde. — Sawyer ergueu o seu copo e bebericou, em seguida acenou apreciativamente. — Folgo em saber que algo bom ainda vem de Espanha.

— Queria falar comigo.

— De facto. De facto. O tesoureiro achou que você devia ser incluído. Quer o seu apoio. Pediu-me que falasse consigo.

— E porque é que não falou ele comigo?

Sawyer sorriu. Era um homem de aparência distinta, com alguns cabelos grisalhos nas patilhas. Ganhara um *Blue* por ter feito parte da equipa de remo de Oxford, jogara ténis nas primeiras edições de Wimbledon, ganhara corridas nas regatas de Cowes, tinha fama de ser um pugilista razoável, e fora mencionado em algumas notícias devido a uma ousada façanha na Mesopotâmia no último ano de guerra. A disciplina que ensinava era Literatura Alemã e dizia-se que era um homem destinado a grandes coisas. Wilde achara sempre que lhe faltava algo. Talvez uma alma.

— Ele foi chamado a Londres. Julgo que o seu pai está doente. Pediu-me para prosseguir durante a sua ausência. Por isso aqui estamos.

Wilde esperou. Não passava mais tempo do que o necessário no Salão Comum. O xerez, o Porto e o café intragável já eram suficientemente maus, mas era a política da universidade, o diz-que-disse e os boatos que mais lhe desagradavam.

Obviamente, Duncan Sawyer já se estava a revelar um mestre na arte política da universidade. Tal como Wilde, era um homem de trinta e muitos anos. Fora promovido a professor associado há dois anos, pouco depois da chegada do próprio Wilde, e já se falava que estava bem posicionado para ocupar o lugar de tutor sénior quando o titular do cargo se aposentara no verão. Sawyer fora o favorito do velho mestre, *Sir* Norman Hereward; as suas políticas, tanto dentro como fora da universidade, estavam perfeitamente alinhadas. Ambos eram bons amigos de *Sir* Oswald Mosley e do Lorde Londonderry. Mas embora Hereward se tivesse reformado, muito pouco mudara para Sawyer; se alguém imaginara que a ausência do velho iria prejudicar as expectativas do jovem estava muito enganado. Sawyer prosperava e estava preparado para grandes coisas. Talvez um lugar seguro na Câmara dos Comuns e, se o seu amigo Mosley continuasse a sua trajetória ascendente, possivelmente um cargo no governo e, talvez, eventualmente, a reitoria da própria universidade. Nenhuma nuvem de dúvida ou escândalo pairava sobre a vida encantada de Duncan Sawyer.

— Vai juntar-se a nós na Mesa Alta? — perguntou Sawyer.

— Não, esta noite, não.

— E no entanto é-lhe requerido que o faça três vezes por semana. Uma vez seria um começo.

— Bom, aqui estamos.

Wilde sabia que a alguns dos outros professores lhes desagradava que ele evitasse jantar na Sala. «Não é sociável», fora uma das frases que ouvira. «Não é bem um de nós.» Ou a mais direta, «maldito ianque». Ele mantinha-se indiferente a esses comentários.

Sawyer pousou o seu copo e tirou um cigarro da cigareira. Não se deu ao trabalho de oferecer um a Wilde.

— Conhece Peter Slievedonard, Wilde?

— Lorde Slievedonard? Sei quem é. Eu leio jornais. Mas ainda não nos conhecemos pessoalmente.

— Bom, tem noção de que ele é extraordinariamente rico. Também sabia que ele tem uma casa não muito longe de Cambridge?

— Calculo que tenha casas em todo o mundo.

— De facto. De facto. Tem uma em Berkshire, uma *villa* na Riviera, uma propriedade em Knightsbridge e outra nos Hamptons. Ah, e uma outra perto de Bayreuth, julgo eu. A questão é, ele tem fortes ligações à universidade e quer agraciar-nos com um generoso donativo, sob a forma de uma bolsa de estudos. Para ser mais preciso, uma bolsa de estudos em História, e é aí que você entra. Além disso, haverá uma bela quantia adicional para nós gastarmos como entendermos. É uma oferta maravilhosa, como de certeza concordará.

— Você não é tolo, Sawyer. O homem é um nazi, ou pelo menos um simpatizante.

Sawyer manteve o seu sorriso. Media pouco menos de um metro e oitenta e tinha o físico poderoso de um pugilista. Um meio-pesado, julgava Wilde. Seria um combate interessante. O amor pelo pugilismo era, talvez, a única coisa que tinham em comum.

— Receava que dissesse isso, mas escute-me. O filho de Peter estudou História aqui sob a supervisão do seu antecessor. Ele tinha acabado História I, com nota máxima, quando se alistou. Morreu em Somme. Lorde Slievedonard deseja criar uma bolsa de estudos com o seu nome em honra do filho.

— Isso é de louvar, Sawyer, mas as convicções políticas de Slievedonard não se coadunam com a tradição desta grande instituição. A universidade ficaria permanentemente manchada por tal associação. As suas próprias simpatias políticas deixam-no cego a esse ponto?

Sawyer suspirou e passou uma mão larga pelo seu cabelo elegantemente encaracolado.



— Você está a ser cansativo, Wilde. A União Britânica de Fascistas, que Slievedonard e eu apoiamos, é um partido político totalmente legítimo. Não é como se ele fosse um maldito comuna, como Horace Dill e os seus companheiros. Não se trata de política mas do bem da faculdade, é uma excelente oportunidade para alunos bolsheiros, tanto agora como nos anos vindouros. Não podemos permitir que preconceitos pessoais se sobreponham aos interesses da universidade. Tais oportunidades são poucas e não surgem com frequência.

— Tenha uma boa noite, Sawyer.

A máscara de polidez de Sawyer caiu.

— Não precisamos da sua autorização para isto, sabe, Wilde. Simplesmente, o tesoureiro e o mestre estavam desejosos para que houvesse um consenso entre os professores. Sendo você um catedrático de História, estavam particularmente interessados em garantir o seu apoio.

— Bom, isso não vai acontecer.

— Como queira. Mas você *será* desfeitoado. Será a bigorna do meu martelo.

— Oh, pelo amor de Deus, não me cite o maldito Goethe.

— Você é má rês, Wilde. — Sawyer deu rédea solta à sua acrimónia. — Relembre-me exatamente o que é que fez durante a guerra. Fugiu para a América para se esconder? E não me venha dizer que foi por causa de ser americano porque eu sei muito bem que a sua mãe é irlandesa, e também sei que você estava a estudar aqui. O que é que aconteceu àqueles rapazes que estudavam consigo?

A sala estava quase cheia. Eles tinham elevado o tom das suas vozes. Estavam a fazer uma cena, a transgressão mais grave das regras do Salão Comum. No extremo oposto da sala, o gordo Horace Dill observava-os com evidente deleite. Ele dirigiu um largo sorriso a Wilde, deu-lhe uma exagerada piscadela de olho através das grossas lentes dos seus óculos e soprou uma nuvem de fumo. Então Wilde contava com o apoio de um amigo para se opor a Sawyer. Mas a questão era: realmente queria ou precisava da lealdade de um homem como Horace Dill?

A oitenta quilómetros de distância, numa outra bela e antiga sala, estavam três homens reunidos em volta de um decantador de *brandy*. Encontravam-se na sala comprida de um dos mais distintos clubes de cavaleiros de Londres. O lume ardia numa larga lareira, mas tinham optado por

se sentarem no canto mais calmo, junto das janelas cortinadas que davam para a Pall Mall. Eram homens importantes na vida da nação, um general ligado ao Departamento de Guerra, um latifundiário que possuía doze hectares no Sudoeste do país e um funcionário público sénior do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Nenhum deles era ambicioso. Nenhum deles precisava de mais dinheiro ou de mais propriedades.

As suas famílias tinham relações próximas há muitas gerações e eles haviam-se conhecido e gostado uns dos outros desde tenra idade. Tinham frequentado juntos a escola preparatória, em seguida Eton — na mesma casa — e Cambridge, onde tinham todos ganhado *Blues* e *Firsts*. Tinham servido na Flandres no mesmo regimento. Fora apenas depois da guerra que os seus caminhos divergiram em carreiras diferentes. E no entanto encontravam-se com frequência, tanto em Londres como em caçadas e reuniões desportivas. Quando um era convidado para uma festa, os outros por norma também lá estavam.

A sua confiança uns nos outros era absoluta; as suas opiniões sobre a Grã-Bretanha e o seu lugar no mundo eram quase idênticas, embora nenhum deles se considerasse propriamente britânico. Eles eram ingleses. Ingleses ancestrais. E a sua lealdade era simples e inviolável. Em primeiro lugar estava o rei, depois o país, e em seguida cada um deles.

Fora a primeira daquelas lealdades que os juntara naquela noite: a ameaça ao rei por parte do primeiro-ministro e daqueles do governo que estavam a tentar obrigá-lo a abdicar se ele não se separasse da Sra. Wallis Simpson, o amor da sua vida.

— Então estamos de acordo? — perguntou o latifundiário. — Ligo para Cambridge?

O homem do Ministério dos Negócios Estrangeiros assentiu lentamente.

— Baldwin é implacável. É totalmente contra um casamento morganático e acredita que o rei deve abdicar. Estive com ele ontem e está mesmo decidido a levar por diante esta loucura, o que significa que não temos alternativa. Todos jurámos lealdade a Eduardo, e um juramento é um juramento. Mas o tempo não corre a nosso favor.

— Essa ideia morganática? — disse o general. — Certamente seria aceitável se ela se tornasse duquesa da Cornualha mas não rainha.

— Baldwin diz que está a consultar os Domínios sobre essa matéria, mas o resultado vai ser viciado.

O latifundiário abanou a cabeça.

— Os nossos amigos em Munique têm a certeza que Baldwin está prestes a forçar a abdicação. É um maldito golpe palaciano! Baldwin devia ser executado por traição. Temos de proteger o rei. Ele é a nossa única esperança de paz. — Fez uma pausa e depois prosseguiu. — A Sophie telefonou. Tem estado a falar com Munique e está à nossa disposição.

— E Munique vai fazer a parte que lhe compete? — perguntou o general enquanto afagava o bigode. — Porque o Mar do Norte não consegue fazer isto sozinho. E nós os três não podemos ser implicados.

— Os alemães já meteram mãos à obra. Eduardo é a sua melhor esperança para evitar a guerra. Eles querem trabalhar connosco, não contra nós. Eduardo é da mesma opinião, assim como Von Ribbentrop e, de facto, o próprio Führer. Tudo o que temos de fazer é assegurar que o Mar do Norte está a postos, e aguardar. Os culpados irão ser os comunas, é claro.

— A Alemanha devia ter falado primeiro connosco.

— Hoje em dia, as coisas não funcionam assim em Berlim, nem em Munique.

— Vou ligar para Cambridge — repetiu o latifundiário. — Vou manter-me em contacto com Sophie.

— Com certeza.

O general ergueu o seu indicador para chamar o empregado.

— Creio que precisamos de mais *brandy* — disse ele.